



Poços de Caldas

3º Congresso Nacional de Educação

EIXO TEMÁTICO: FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, FILOSOFIA E SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

FORMA DE APRESENTAÇÃO: RESULTADO DE PESQUISA

A QUERELA ENTRE ANTIGOS E MODERNOS E A REPRESENTAÇÃO DA AÇÃO JESUÍTICA

Me. Rafael de Paula Cardoso

Doutorando em Educação – PPGE/UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba

Bolsista CAPES – Brasil

E-mail: ra_depaula@hotmail.com

RESUMO

O trabalho busca identificar como a representação da ação jesuítica no *Compêndio Histórico da Universidade de Coimbra* (1771) se constrói a partir de um discurso ilustrado, identificado aqui como herdeiro do pensamento moderno, que desloca os jesuítas para uma “idade das trevas” a ser superada em nome do progresso. Defendemos que essa tensão se desenha a partir dos ecos da querela entre Antigos e Modernos no seio da Modernidade. Tal tensão foi fundamental para compreendermos os paradigmas do pensamento educacional moderno.

Palavras-chave: Jesuítas, Antigos e Modernos, Iluminismo

INTRODUÇÃO

A querela entre Antigos e Modernos tomou forma a partir dos escritos que, no contexto de consolidação da Modernidade, elaboraram uma determinada visão da experiência letrada do Ocidente, principalmente em relação ao passado. Segundo

Mateus (2012, p.3), os antigos por muito tempo foram vistos como uma temporalidade a ser reverenciada. Nota-se essa concepção no adágio de Bernardo de Chartres, no século XII, quando afirma que os modernos são os “anões nos ombros de gigantes”, evidenciando a valorização de um efeito cumulativo do conhecimento antigo, do qual seriam caudatários.

Segundo Le Goff, podemos perceber essa atitude em relação ao passado em diversas sociedades, representando-o em função de uma visão histórica presente. Por exemplo, nas sociedades ditas tradicionais, a Antiguidade tem um “valor seguro; os antigos dominam, como velhos depositários da memória coletiva, garantes da autenticidade e da propriedade” (2003, p.175). No século XV, a partir do avanço da cultura antropocêntrica e a valorização do indivíduo como aquele que constrói seu tempo, a temporalidade foi dividida e matematizada. Eruditos dividiram a história em três Idades: Antiga, Medieval e Moderna. O “termo moderno opõe-se mais a medieval do que a antigo” (LE GOFF, 2003, p.174). Nesse contexto, os tempos modernos criam uma autonomia passando a se representar como um segundo nascimento, um retorno à Antiguidade, após os “tempos ‘mortos’ e quase inexistentes de uma ‘Idade Média’” (MATEUS, 2012, p.5). Na historiografia, esse período denominado de Renascimento cria o conceito de Idade Média, necessário para preencher o fosso entre os dois períodos positivos, plenos, significativos, da história: a história antiga e a história moderna (LE GOFF, 2003, p.197).

Posteriormente, a Ilustração viria a ser caudatária dessa Modernidade. A partir dos pressupostos de racionalização e laicidade, os filósofos ilustrados se colocaram como precursores, a ponta de lança, da Modernidade que por meio das ciências garantiriam o progresso da civilização. Com isso, travou-se uma guerra cultural contra grupos e instituições que destoassem desses valores. Uma delas foi a Companhia de Jesus.

METODOLOGIA

Analisamos essa tensão na obra *Compêndio Histórico da Universidade de Coimbra*, documento publicado pela Junta de Providência Literária em 1771, sob ordem do então ministro Marquês de Pombal. Ele tinha como objetivo analisar o impacto causado pelos jesuítas na Universidade de Coimbra desde quando se instalaram na instituição.

Nosso foco foi analisar a representação dos jesuítas a partir do conceito de representação. Segundo Chartier (1990), as representações constituem um conjunto de significados que orientam as práticas sociais, instituições políticas e dão significados e amalgamam grupos sociais. No contexto das reformas pombalinas se consolida uma forte propaganda antijesuítica. Ela se opunha tanto à influência social dos jesuítas, quanto a forte influência educacional no Reino, inclusive na Universidade de Coimbra. A representação negativa construída sobre os jesuítas cristalizou uma representação que os afastavam dos ideais ilustrados, embasando as políticas reformistas orientadas pelo gabinete pombalino. Os jesuítas foram representados como uma temporalidade atrasada a ser superada pelas reformas pombalinas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O *Compêndio Histórico* se divide em duas partes. A primeira parte se divide em quatro prelúdios. Todos eles são encimados pelas palavras “Dos estragos que...”, reforçando a marca pejorativa imputada aos jesuítas no tocante ao processo educativo em Portugal e suas colônias. Destacamos o terceiro prelúdio em que apontam sete estatutos que teriam causado a destruição das Leis, Regras e Métodos da Universidade de Coimbra, acabando por “desterrar destes Reinos e seus Domínios as Artes e as Ciências, sepultando a Monarquia Portuguesa nas trevas da ignorância” (POMBAL, 2008, p.100). A segunda parte especifica os “estragos” causados em cada uma das quatro ciências maiores: Teologia, Jurisprudência, Medicina e Matemática. O *Compêndio* termina seu balanço com um Apêndice apontando vinte e duas “atrocidades” cometidas pelos jesuítas no campo da Jurisprudência.

Pela estrutura, podemos perceber a construção de uma estrutura temporal na qual Portugal, durante a influência dos jesuítas, foi deslocado para um período de atraso e decadência. Esse processo foi iniciado na Universidade de Coimbra com a instauração dos primeiros Estatutos implementados pelos jesuítas em 27 de dezembro de 1559, antes disso o que se via eram os “feitos ilustres e heroicos progressos dos portugueses” (POMBAL, 2008, p.170). Na primeira parte, prelúdio IV, o *Compêndio Histórico* ressalta

depois que foi governada por aqueles *Sextos e Sétimos Estatutos*, não ficou mais sendo uma Universidade de Letras, mas sim, uma oficina perniciososa, cujas máquinas ficaram sinistramente laborando, para

delas sair a má obra de uma ignorância artificial que obstruísse todas as luzes naturais dos felizes engenhos portugueses (POMBAL, 2008, p.171).

Ao longo de todo texto é atribuída a decadência a uma mudança filosófico-pedagógica na qual os jesuítas, por meio de seus métodos, teriam acarretado a decadência do Reino. Na segunda parte do *Compêndio Histórico*, ao abordar a Medicina, afirma que o ensino jesuítico teria transformado os jovens estudantes em nada mais que “adoradores cegos da Escola Peripatética”. Enquanto o mesmo período foi tão “ilustrado para outras Nações”, Portugal teria mergulhado em um período “escuríssimo, porque baniram das Escolas todo o gosto da boa Literatura, introduziram nelas a ignorância das Línguas, eternizaram a Filosofia Arábico-Aristotélica” (POMBAL, 2008, p.357-8).

Em relação a Jurisprudência, a qual se dedica o segundo capítulo, da segunda parte, aponta que a disciplina do Direito sofreu o mesmo impacto. Afirma que os jesuítas fecharam os olhos para os “luminosos raios da luz” do Direito Natural,

quando somente deviam desvelar-se em recolher, aproveitar e propagar as novas luzes para se reformarem a si e para dirigirem melhor os mais úteis e necessários estudos da Mocidade Académica, muito pelo contrário, cuidaram em escurecer e fechar os olhos para neles não penetrarem tantos raios da luz. (POMBAL, 2008, p.270)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que o *Compêndio Histórico* constrói uma narrativa em que desloca a ação jesuítica para um hiato temporal, representada como um período de decadência, um período de “trevas”. Segundo essa lógica, esse período dividiu dois períodos positivos, o que lembra a prosperidade de Portugal no século XV e o que anuncia a nova possibilidade de progresso a partir das reformas ilustradas pombalinas. Propomos aqui a relevância do debate entre Antigos e Modernos para compreender a construção da representação da ação jesuítica ligada à uma representação detratora, um pensamento pedagógico “medieval” e “aristotélico”. Essas representações, além de nos permitirem compreender o jogo político no contexto das reformas pombalinas, identifica determinadas representações sobre os jesuítas que perduraram na história da educação até o século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa / Rio de Janeiro: Difel / Bertrand Brasil, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MATEUS, Samuel. A Querela dos antigos e dos Modernos: um mapeamento de alguns topoi. *Revista de História e Teorias das ideias*. Vol.29, 2012.

POMBAL, Marquês de; LITERÁRIA, Junta de Providência. *Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuítas e dos estragos feitos nas ciências e nos professores e diretores que a reagem pelas maquinações, e publicações dos novos estatutos por eles fabricados (1771)*. Porto: Campo das Letras, 2008. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/20111031-marques_de_pombal_compendio_historico_da_universidade_de_coimbra.pdf. Acesso em: 19/04/2019.